

COOPERATIVISMO AGROPECUÁRIO: A PERCEPÇÃO DE COOPERADOS EM RELAÇÃO AOS SEUS NEGÓCIOS

Wilber Pereira Sobreiro

Graduado em Administração/ Faculdade Novo Milênio

Cristiano das Neves Bodart

Doutor em Sociologia / Universidade de São Paulo (USP)

cristianobodart@hotmail.com

Resumo

O cooperativismo agropecuário, a despeito de seu histórico, ainda é pouco conhecido pela sociedade, o que tem sido um entrave para seu desenvolvimento. Nesse sentido, estudos que buscam evidenciá-lo corroboram para o seu desenvolvimento e disseminação. O presente artigo tem por objetivo identificar e analisar a percepção de cooperados em relação ao auxílio do cooperativismo em seus negócios. Para tanto, tomamos como objeto de estudo a “Cooperativa Agropecuária Centro Serrana” (COOPEAVI), cooperativa rural capixaba situada em Santa Maria de Jetibá-ES. A princípio realizamos uma breve revisão de literatura a fim de destacar o histórico do cooperativismo, bem como suas potencialidades. Para a operacionalização do estudo de caso foram realizadas entrevistas com diretores, presidente e associados da referida cooperativa. Em síntese, identificamos que há, entre os cooperados, uma satisfação com os resultados de seus negócios e que essa prática afeta positivamente suas percepções em torno da responsabilidade social e ambiental.

Palavras-chave: Cooperativismo. Produtores Rurais. Negócios.

AGRICULTURAL COOPERATIVE: THE MEMBERS' PERCEPTION REGARDING THEIR BUSINESS

Summary

The agricultural cooperative, in spite of its history, is still little known by society, which has been an obstacle to its development. In this sense, studies seeking evidence of this corroborate their development and dissemination. This article aims to identify and analyze the perception of cooperative members relative to the assistance of the cooperative in their businesses. To this end, we take as the object of study the “Central Serrana Agricultural Cooperative” (COOPEAVI), a rural capixaba cooperative in Santa Maria de Jetibá-ES. At first we undertook a brief review of the literature in order to highlight the history of the cooperative movement as well as its potential. For the operation of the case study, interviews were conducted with directors, the president, and members of the cooperative. In short, we have identified that there is, among the members, a satisfaction with the results of their business and that this practice positively affects their perceptions surrounding social and environmental responsibility.

Keywords: Cooperatives. Rural producers. Business.

1 INTRODUÇÃO

Nos primórdios da sociedade o homem percebeu que necessitava de solidariedade para a sobrevivência no ambiente em que vivia. (ABDALLA, 2002). Assim, passaram a agrupar-se para se movimentar pelo território; inicialmente como povos nômades. Feito isso, perceberam que a união proporcionava força e, conseqüentemente, maior capacidade para a caça; assim como na busca de outros alimentos. Vivendo em grupo, tornou-se possível a divisão de tarefa e, conseqüentemente, se fixar em um território e cooperativamente desenvolver a agricultura. Essa dependência evidencia o quanto à cooperação é importante no desenvolvimento dos grupos sociais; em última estância, para o processo civilizatório.

Antes de tratar do conceito de cooperativismo, buscamos apresentar um conceito mais amplo, o de “Economia Solidária”.

A economia solidária pode ser caracterizada como um esforço de construção de uma alternativa à produção e de sua distribuição sob a lógica do capital. Isto é, no lugar dos interesses do capital, busca-se afirmar a primazia da centralidade humana, as necessidades de quem produz. (MARÉCHAL, 2000 apud. FRANTZ, 2012 p. 26).

O termo de Economia Solidária é muitas vezes confundido com o conceito de Economia Social. Para Caeiro (2008), a economia solidária é caracterizada como atividade econômica baseada no sistema de valores de seus atores e como eles gerenciam suas empresas, e se define como a consciência externa da economia social. A economia social atua como um agente intercessor buscando atender as necessidades da sociedade.

Segundo França Filho (2002),

É justamente em relação às características atuais assumidas pela economia social que vem se demarcar a noção de economia solidária, pela afirmação da dimensão política na sua ação. O que nos leva a defini-las como experiências que se apoiam sobre o desenvolvimento de atividades econômicas para a realização de objetivos sociais, concorrendo ainda para a afirmação de ideais de cidadania (FRANÇA FILHO, 2002. p. 13).

A diferenciação dos termos é importante para compreendermos como realmente atua a economia solidária. Essa economia é uma nova roupagem para a economia social, e está ligada aos aspectos econômicos, enquanto aquela buscando manifestar-se apenas como uma ação político-emancipatório.

Assim como o cooperativismo, o associativismo também é uma forma de organização associativa. O Associativismo é uma forma de organização que por meio de ações conjuntas dos associados, busca-se benefícios e interesses comuns, não tendo por finalidade a obtenção de lucros (PET-PROEXT, 2012).

Para entender o cooperativismo é preciso compreender a sua diferença com o associativismo. O cooperativismo é um sistema econômico e social que tem como base as cooperativas. É uma forma de organização que se dá por meio da união de pessoas, com objetivo de unir forças para atingir desenvolvimento financeiro, econômico e social. (INSTITUTO ECOLÓGICA, 2007 apud PET-PROEXT 2012).

Nota-se que uma das diferenças substanciais entre o cooperativismo e o associativismo está no objetivo. O cooperativismo tem por objetivo buscar desenvolvimento financeiro dos cooperados,

enquanto que o associativismo busca a união de forças para defesa de interesses dos próprios associados (como ocorre no cooperativismo), porém não tem por objetivo a obtenção de lucros financeiros.

Segundo a Organização das Cooperativas Brasileiras (2014), a Revolução Industrial inglesa fez com que as relações de trabalho se transformassem e a mão de obra desvalorizasse, gerando problemas socioeconômicos devido aos baixos salários pagos e o crescente desemprego no espaço urbano. Com isso, dentro da classe operária foram surgindo lideranças com o intuito de criar associações para minimizar o desemprego. Era uma tentativa de sobrevivência paralela ao modelo de produção capitalista que se mostrou excludente a um grande contingente de trabalhadores que só tinham sua mão de obra como “objeto de troca”.

Roberto Rodrigues, ex-presidente da Aliança cooperativa Internacional afirma que “[...] o cooperativismo é uma resposta socioeconômica para um problema socioeconômico, a qual se evidenciou originalmente, em contraponto ao desemprego decorrente da Revolução Industrial”. (RICCIARDI, 2000. p. 9 apud CENZI, 2009. p. 44).

A partir dessa assertiva, entende-se que o cooperativismo se desenvolveu a fim de apresentar-se como solução para alguns problemas econômicos e sociais da época, sendo hoje apontado por diversos economistas e administradores como um caminho possível para a solução desses mesmos problemas.

Este artigo busca apresentar o resultado de um estudo de caso, cujo objetivo foi identificar e compreender a percepção dos produtores rurais cooperados em relação aos impactos do cooperativismo sobre seus negócios. Para isso, tomamos por objeto de estudo a “Cooperativa Agropecuária Centro Serrana” (COOPEAVI), uma cooperativa capixaba ainda pouco estudada, mas com grande importância financeira e social para o Espírito Santo. Essa cooperativa é situada no município de Santa Maria de Jetibá-ES, atuando no ramo de agronegócios há mais de 50 anos. Possui, aproximadamente 9 mil cooperados. No ano de 2013, esta cooperativa foi classificada na posição 349ª, estando entre “400 Maiores Empresas de Agronegócio Brasileiro” (COOPEAVI, 2015). A pesquisa caracteriza-se por qualitativa, tratando-se de um estudo de caso do tipo exploratório.

Infelizmente, segundo Caeiro (2008), devido ao desinteresse do governo e da economia privada em realizar ações em prol do cooperativismo (por não enxergarem situações favoráveis de lucro), essa modalidade não valorizada como julgamos ser merecido. Acreditamos que os resultados dessa pesquisa colabora para desmistificar essa percepção.

O trabalho está estruturado em seis seções. A primeira é a presente introdução. Na segunda seção apresentamos alguns dos conceitos e doutrinas do cooperativismo. Na terceira seção realizamos um breve histórico do cooperativismo. Essa seção se divide em duas subseções: na primeira apresentamos um histórico do cooperativismo no mundo e; na segunda subseção, expomos um breve histórico do cooperativismo no Brasil. Na quarta seção demonstramos os benefícios e dificuldades enfrentados pelo cooperativismo. A quinta seção destina-se ao estudo de caso. Esta seção está dividida em três subseções: a primeira destina-se a apresentação do objeto de estudo; na segunda subseção apresentamos um histórico da cooperativa estudada e; na terceira subseção realizamos uma análise dos benefícios e desafios do cooperativismo identificado pelos cooperados. Por fim, na sexta seção apresentamos as considerações finais.

2 CONCEITO E DOUTRINA COOPERATIVISTA

A cooperação desde os primórdios da sociedade foi uma forma encontrada pelo homem para facilitar, agilizar e melhorar suas tarefas. A ação coletiva focada em um propósito comum aumenta as chances de sucesso. Percebendo essa vantagem e buscando a prática coletiva, esta foi se incorporando na sociedade, embora inicialmente de forma “bruta”; sendo preciso ser lapidada e estudada. O biólogo Humberto Maturana, afirma que a cooperação era um traço marcante na conduta dos seres humanos primários:

A origem antropológica do Homo Sapiens não se deu através da competição, mas sim através da cooperação. [...] O que nos faz seres humanos é a nossa maneira particular de viver juntos como seres sociais na linguagem. (MATURANA, Humberto apud ABDALLA, 2002 p. 102).

Entendemos que as relações cooperativas entre os seres humanos foram fundamentais e marcantes no desenvolvimento da espécie. Baseado nessa necessidade de convivência em grupo e esse espírito de cooperação, foi que organizações baseadas na ajuda mútua surgiram. Uma dessas organizações viria a ser a Cooperativa.

De acordo com Dantas (2009), a cooperativa é um agrupamento voluntário de pessoas formando uma empresa privada e gerida democraticamente, com o intuito de satisfazer necessidades socioeconômicas e culturais de seus integrantes.

Para entender o cooperativismo devemos antes olhar para o conceito de cooperação. Segundo Cenzi (2009), o termo cooperação significa operar algo com auxílio de outra pessoa para o bem de ambos. Esse termo é originário da junção de *cum* e *operari*, que dá forma ao verbo latino “cooperar” (Idem).

A cooperação é a base do cooperativismo, sendo a união de forças para um fim comum que beneficiará ambas as partes. O cooperativismo se materializa na Cooperativa, que é uma organização formada por pessoas pela sua própria vontade, visando um único objetivo geral, o beneficiamento de todos os envolvidos. Para que ocorra a cooperação, como destacou Bourdieu (1980), é necessário que haja um estoque mínimo de Capital Social; o qual grosso modo pode ser entendido como um recurso atual e potencial que está ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas, esta marcada por confiança e reciprocidade. O conceito de capital social tem um caráter utilitário, sendo um “ativo” social adquirido de forma desigual, uma vez que as redes sociais nas quais estão inseridos os indivíduos não oferecem as mesmas condições para obtenção das mesmas quantidades e qualidades desse capital. (BOURDIEU, 1980).

É importante compreender que

a rede de ligações é o produto de estratégias de investimento social consciente ou inconscientemente orientadas para a instituição ou a reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis, a curto ou longo prazo, isto é, orientadas para a transformação de relações contingentes [...] que implicam obrigações duráveis subjetivamente sentidas (sentimentos de reconhecimento, de respeito, de amizade, etc.) ou institucionalmente garantidas (direitos). (BOURDIEU, 1980, p. 2).

Segundo dados da Organização de Cooperativas Brasileiras (2014), sete princípios dão forma as linhas orientadoras, seguidos pelas cooperativas. São eles: adesão voluntária e livre; gestão democrática; participação econômica dos membros; autonomia e independência; educação, informação e formação; intercooperação e; interesse pela comunidade. É importante mencionar que os valores básicos do cooperativismo são: democracia, liberdade, equidade, solidariedade e justiça social. (IRION, 1997). São esses princípios e valores que possibilitam a existência de Capital Social e, em última instância à rede de ligação e cooperação entre os indivíduos que formam a Cooperativa.

Para Irion (1997), os valores e princípios formam a base doutrinária do cooperativismo, destacando que os valores antecedem os princípios, uma vez que foi através da interpretação dos valores que os princípios foram desenvolvidos.

A doutrina cooperativista e seus valores são permanentes. Já seus princípios são adaptáveis a cada local e época em que é posto em prática. (IRION, 1997). Para que essa universalidade de princípios seja mantida, existe um órgão de caráter mundial que controla e rege as práticas do cooperativismo no mundo. Trata-se da Aliança Cooperativa Internacional (ACI), cuja sede está em Genebra, Suíça. Segundo dados

da ACI (2014), o órgão é responsável pela guarda de todos os valores e princípios que regem a prática cooperativista, fornecendo para indivíduos e comunidades instrumentos de capacitação que influenciam em seus desenvolvimentos, objetivando defender os seus interesses e possibilitar o sucesso das cooperativas.

A doutrina cooperativista é a base para todo o cooperativismo, e a doutrina, em si não se altera para diferentes ramos do cooperativismo. O que difere um ramo de outro são suas características e o objetivo dessa cooperativa. (OCB, 1973).

Segundo a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), no Brasil o cooperativismo se divide nos ramos: agropecuário, consumo, crédito, educacional, especial, habitacional, mineral, produção, saúde, trabalho, transporte, turismo e lazer, estatísticas e infraestrutura. (OCB, 2014),

O foco desse trabalho são as cooperativas agropecuárias. Segundo a OCB (2014), o que diferencia uma cooperativa agropecuária das demais é que os meios de produção pertencem aos associados. Esse tipo de cooperativa é o que predomina no Brasil, contabilizando em 2014, 1.523 cooperativas e 969.541 associados, gerando mais de 155.000 empregos diretos. As cooperativas agropecuárias se diferenciam das de crédito rural, o que confundem muitas pessoas. As cooperativas de crédito rural se encaixam no ramo de cooperativas de crédito, as quais podem ser tanto urbanas quanto rurais, cujo objetivo é promover a poupança, financiar empreendimentos, e minimizar as necessidades dos seus cooperados. (OCB, 2014).

Ainda de acordo com a Organização das Cooperativas Brasileiras (2014), as cooperativas agropecuárias podem ser caracterizadas como,

[...] cooperativas de produtores rurais ou pastoris e de pesca, cujos meios de produção pertencem ao cooperado. Caracterizam-se pelos serviços prestados aos associados como recebimento ou comercialização da produção conjunta, armazenamento e industrialização, além da assistência técnica, educacional e social. (OCB, 2014).

Desta forma, entendemos o cooperativismo sob a doutrina da colaboração mútua, buscando objetivos e desenvolvimentos comuns aos cooperados. Estas são organizações particulares, geridas democraticamente e seus membros incluem-se de forma voluntária, buscando alinhar seus objetivos para o desenvolvimento de todo grupo. Sendo que, todos seus sete princípios são universais, mas, adaptáveis a cada local. E essa universalidade é garantida através da ACI, órgão responsável por reger e controlar a prática cooperativista e o respeito a seus valores.

3 BREVE ESBOÇO HISTÓRICO DO COOPERATIVISMO

A fim de expor a importância histórica do cooperativismo, buscamos nessa seção apresentar um breve histórico do cooperativismo, mencionando alguns fatos marcantes para o desenvolvimento e estruturação dessa doutrina ao redor do mundo, assim como apresentar seu aparecimento no Brasil.

3.1 Histórico do Cooperativismo no Mundo

A solidariedade foi imprescindível para a prosperidade e sobrevivência dos grupos humanos. Ainda antes de existir tentativas conceituais do cooperativismo, ele já era empregado. Abdalla (2002), afirma que o homem, ao estabelecer o princípio da cooperação, garantiu sua sobrevivência, evitou sua extinção e possibilitou sua existência como espécie.

Para Cenzi (2009), ainda que não existisse uma formação ou definição de conceitos de cooperação, o espírito familiar era o que unia as pessoas para executar tarefas do dia a dia.

De acordo com Irion (1997), desde os primórdios o homem foi conduzido à agregação de forças para superar os problemas existentes, o que o levou a outros tipos instrumentos e de agregações, como as tribos, clãs e o Estado; surgindo assim as primeiras organizações sociais de solidariedade.

De acordo com Durkheim (1999), inicialmente as sociedades humanas estavam marcadas pela solidariedade mecânica e na medida que houve uma progressiva divisão do trabalho, a solidariedade passou a ser orgânica. Em outros termos, nas sociedades mais simples predominava a solidariedade marcada pela não divisão das atividades (do trabalho), onde todos realizavam as mesmas atividades do interior dessa sociedade. Com o desenvolvimento da sociedade e a complexidade das atividades, tornou-se necessário a divisão de trabalho, onde cada indivíduo se solidariza realizando um determinado tipo de trabalho. Assim, a sociedade moderna caracteriza-se por uma solidariedade marcada pela especialização e forte divisão do trabalho; cada um realizando uma atividade específica. Nota-se que o desenvolvimento econômico só foi possível por meio da solidariedade, inicialmente mecânica e posteriormente orgânica.

Com o advento da Revolução Industrial Inglesa, tornou-se necessário, dentre os desempregados, recorrer à solidariedade entre um número mais reduzido de indivíduos (grupos que formaram as primeiras cooperativas).

A primeira cooperativa efetivamente instalada e considerada como marco histórico mundial foram os “Pioneiros de Rochdale”. (CENZI, 2009).

Segundo Cenzi (2009), as bases da doutrina cooperativista formaram-se no início do século XIX, pelo fato de que eles buscavam atenuar ou suprimir as desigualdades econômicas e sociais causadas pela primeira Revolução Industrial Europeia.

Devido essas condições socioeconômicas, no bairro de Rochdale, em Manchester, um grupo de 28 tecelões, em sua maioria operários desempregados, se ajuntaram para discutir ideias que pudessem modificar a situação em que viviam. Realizaram, em novembro de 1843, a primeira discussão. No entanto, só em 1844, depois de muito sacrifício em acumular 28 libras, fundaram uma cooperativa de consumo, a “Rochdale Society of Equitable Pioneers”. (BIALOSKORSKI NETO, 2006. apud CENZI, 2009). O surgimento efetivo dessa sociedade marcou a história com uma mudança de relação entre empregador e empregado. (CENZI, 2009).

Para Irion (1997), os princípios que formam a doutrina cooperativista originam-se no estatuto criado pelos pioneiros de Rochdale, e esses princípios se mantiveram permanentes.

De acordo com Cenzi (2009), no ano de 1851 houve um Congresso, reunindo quarenta e quatro (44) cooperativas, para discutir uma forma de organização para melhorar a comunicação e as transações entre as mesmas. Ainda de acordo com esse autor, a ideia ganhou mais força com tal Congresso e novas sociedades cooperativas foram surgindo em toda a Inglaterra, e em alguns países da Europa e da América. A partir desse momento, sociedades cooperativas de maior porte e força foram se formando e ganhando mais espaço no mercado. Com a disseminação e fortalecimento da ideia na Inglaterra e em outros países próximos, surgiu a necessidade de organizar a comunicação e interação entre as cooperativas. Criava-se assim a Aliança Cooperativa Internacional (ACI).

Segundo dados da ACI (2014), a aliança entre as cooperativas foi instaurada na cidade de Londres, Inglaterra, em 19 de agosto de 1895. Estiveram presentes nessa primeira reunião representantes da Argentina, Austrália, Bélgica, Inglaterra, Dinamarca, França, Alemanha, Holanda, Índia, Itália, Suíça, Sérvia e EUA.

A iniciativa dos 28 tecelões teve um alcance muito grande. Segundo dados da ACI (2014), existiam, em 2014, 268 membros da Aliança Cooperativa Internacional, sendo esses distribuídos em 96 países, abrangendo todos os setores da economia.

3.2 Histórico do Cooperativismo no Brasil

O Brasil por muito tempo teve a agricultura como importante de produção. Essa condição fez com que o cooperativismo se desenvolvesse no país no setor agropecuário.

Segundo a publicação do Departamento de Cooperativismo e Associativismo - DENACOOOP (2006), aproximadamente 50 anos depois da experiência dos pioneiros de Rochdale a primeira forma de cooperativa foi criada no Brasil, mais precisamente em 1889. Nesse ano foi criada a Sociedade Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto, que, assim como os pioneiros de Rochdale, também era uma cooperativa de consumo.

De acordo com a publicação do DENACOOOP (2006), com a doutrina se dissimulando no Brasil, a Cooperativa de Ouro Preto serviu como um propulsor para as demais e futuras cooperativas no Brasil, incentivando os trabalhadores e mostrando que havia uma saída para as condições socioeconômicas precárias em que se encontravam.

Ainda que outras cooperativas tivessem surgido após a experiência de Ouro Preto, a própria Organização das Cooperativas Brasileiras considera que o verdadeiro movimento cooperativista teria se iniciado a partir de 1902 com o padre Theodoro Amstead, no ramo de cooperativas agrícola de crédito rural, predominantemente nos estados do sul, onde vários imigrantes europeus desembarcaram. Eles trouxeram consigo a vocação para o trabalho em comum e com isso transformaram suas necessidades na criação de cooperativas agrícolas. (OCB, 1973 apud CENZI, 2009). Essa vocação é destaque da clássica obra de Robert Putnam, *“Making democracy work”* (1993), traduzida em português sob o título *“Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna”* (1996). Nessa obra Putnam analisa o desenvolvimento econômico de duas partes da Itália e conclui que o maior estoque de Capital Social foi responsável, em grande parte, pelo desenvolvimento da cooperação social e que, por sua vez, proporcionou um bom desempenho das instituições, trazendo maior desenvolvimento econômico e social. Para Putnam, o conceito de Capital Social envolve um conjunto de características da organização social, tais como confiança, normas e reciprocidade, elementos que tornam possíveis a cooperação (1996).

De acordo com Cenzi (2009), as cooperativas teriam se multiplicado inicialmente nos estados litorâneos, impulsionado pelo grande número de imigrantes nessa área. Assim, os imigrantes teriam sido cruciais para a formação do cooperativismo no Brasil, pois teriam trazido na *“bagagem”* seus conhecimentos e predisposições para o trabalho cooperativista.

As cooperativas agrícolas foram as que mais tiveram sucesso no Brasil, pois *“o tipo de cooperativa adotado decorre das necessidades existentes”* (OCB, 1973, p. 31). O Brasil era um país produtor de manufaturas, ou seja, sua força econômica era o meio rural. Com isso as cooperativas agrícolas tiveram um ambiente favorável para o seu crescimento e desenvolvimento em terras brasileiras. Com o sucesso das cooperativas agrícolas, logo depois se abriu caminho para outros tipos de cooperativas, inclusive no meio urbano, tais como as cooperativas de consumos. Isso de fato aconteceu *“... através de um trabalho intenso não só de difusão dos seus princípios como também através do exemplo vitorioso de arregimentação dos produtores rurais, elevando a produção e melhorando o seu nível de vida”*. (OCB, 1973, p. 32).

O divisor de águas para o cooperativismo no Brasil deu-se na década de 1970, período de regularização legal das cooperativas no Brasil. Outra grande mudança ocorreu em 1988, quando o cooperativismo se tornou independente do Estado, através da Constituição Federal daquele ano. (VEIGA; FONSECA 2001, apud CANÇADO; JESUS; MILAGRES, 2011).

Segundo a OCB (2014), outro fato marcante ocorreu em 1995. Nesse ano o Brasil conquistou o reconhecimento internacional, sendo Roberto Rodrigues, brasileiro, o primeiro não europeu a assumir a presidência da ACI; fato esse que contribuiu para o desenvolvimento das cooperativas brasileiras. Através da sua gestão o Brasil ganhou visibilidade no cenário cooperativista internacional, mostrando ter pessoas capacitadas e conhecedoras do assunto.

Em 1998 foi criado o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP), que somou esforços com a OCB, atuando na educação cooperativista, com capacitações e fortalecimento do cooperativismo no país, utilizando ensinamentos de formação profissional e promovendo socialmente os associados das cooperativas brasileiras. (OCB, 2014).

Para Culti (2002), no século XXI o Brasil, devido às novas demandas da sociedade e a grande mudança acelerada da economia mundial, passou a vivenciar grandes transformações. Percebeu-se um aumento na taxa de desemprego, gerando ruídos nas relações de trabalho. Com isso, o cooperativismo entrou no século XXI com grandes desafios e oportunidades, tanto para o seu desenvolvimento, quanto para a sua visibilidade. Em 2003, foi criada a Secretaria Nacional de Economia Solidária, o que evidencia o ganho de espaço de outras formas de organização para o trabalho e negócios na agenda política brasileira, ainda que os resultados ainda não tenham atingido o desejado.

4 BENEFÍCIOS E DESAFIOS DO COOPERATIVISMO

A presente seção tem por objetivo apresentar os benefícios do cooperativismo, assim como os desafios e/ou limitações desse modelo de organização econômico-social.

Para Irion (1997), pelo fato do cooperativismo não fazer parte do ensino formal em nosso país, e pelo número de cooperativas não serem tão expressivo em relação ao número de brasileiros, seu estudo acaba ficando restrito à algumas instituições acadêmicas, à cooperados e técnicos do setor. O desconhecimento das bases doutrinárias, leva a população a não reconhecer o cooperativismo como uma forma de organizar a economia. Sendo a falta de conhecimento o maior obstáculo ao desenvolvimento do cooperativismo (*Idem*).

De acordo com a publicação do DENACOOOP (2006), o desafio do cooperativismo brasileiro é conseguir demonstrar para a sociedade que por ser um movimento baseado na solidariedade e sustentabilidade, pode desenvolver, ao mesmo tempo, a economia e o ser humano, sendo também respeitado o meio ambiente.

Roberto Rodrigues, em uma publicação do DENACOOOP (2006), expõe sua visão e importância do cooperativismo da seguinte forma:

Num mundo cada vez mais preocupado com a redução das desigualdades, o cooperativismo é o caminho ideal para a construção de uma sociedade mais justa, solidária, democrática e feliz. Por isso, não canso de repetir que o cooperativismo é a ponte entre o mercado e o bem-estar coletivo. Instrumento formidável para o crescimento harmonioso das nações, ele pode contribuir decisivamente para que o Brasil consiga se transformar em um país com maior geração de emprego e melhor distribuição de renda. (RODRIGUES, 2006 apud DENACOOOP, 2006. p. 5).

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), mesmo com as dificuldades destacadas, devido a participação das cooperativas no produto interno bruto, da sua participação na produção, geração de renda e empregos diretos e indiretos, o cooperativismo tem apresentado uma crescente importância econômica para o Brasil. (OIT, 2001).

As cooperativas geram renda extra para seus cooperados, pois possibilitam baixar os custos dos fatores de produção, oferecendo segurança para o cooperado no escoamento de sua produção, garantindo um maior preço de venda para os seus produtos e também pela constante introdução de inovações e capacitação dos cooperados. Com isso, impactam diretamente no plano microeconômico. (OIT, 2001).

Segundo Carvalho (2011), devido a grande preocupação existente da sociedade para com a sustentabilidade e responsabilidade social, essas duas vertentes passaram a ser questões a serem consideradas pelas organizações. Essas, por princípios morais e legais, vêm se tornando responsáveis por cuidar do ambiente onde estão inseridas; tanto o ambiente físico, quanto o social. As Cooperativas, nesse contexto, têm buscado apresentar um posicionamento comprometido com essa causa.

Para as cooperativas, devido à sua finalidade, agregar valores às pessoas, assumindo responsabilidades e estando à frente de projetos sociais, deve ser prática inerente e constante. O estabelecimento de metas estratégicas, incorporadas às questões de desenvolvimento social, compatibiliza sociedade e sustentabilidade, preservando recursos naturais para a geração futura e o respeito à diversidade, que promove a igualdade e o bem comum. (CARVALHO, 2011 p. 48).

De acordo com Neves (2005), um dos fatores que levam as cooperativas a ganharem posições no *ranking* das maiores empresas no Brasil está a ampliação do nível de maturidade e sustentabilidade, a qual vem aumentando a cada dia, ainda que em uma economia tão concorrida. Através de capacitações de seus funcionários e cooperados, melhoram a sua capacidade gerencial e tecnológica e reduzem os impactos sobre o meio ambiente e social na qual estão inseridas. Com isso, as cooperativas ganham autoridade e confiança para caminhar com suas próprias pernas no mercado, visando o fortalecimento de seu *staff*.

Ainda de acordo com Neves (2005), com esse ganho de autoridade no mercado, as cooperativas passaram a ser um tipo de agente financeiro para seus cooperados, auxiliando em suas vendas e financiamentos de projetos para seus negócios. Com o auxílio da cooperativa, o cooperado passa a ter mais segurança ao atuar no mercado (Idem). Essa confiança acaba gerando um estoque de confiança que se transforma em uma rede de reciprocidade que dá mais coesão ao grupo. (BOURDIEU, 1980).

Para Cenzi (2009), o cooperativismo pode ser a resposta para os problemas de muitos países e setores da economia, mas preferencialmente de países que necessitam do agronegócio, como o Brasil. Nessa direção, Cenzi (2009) atesta que a “prova disso é que, nas comunidades onde existem cooperativas, o IDH – Índice de Desenvolvimento Humano é ligeiramente maior”. (CENZI, 2009. p. 37).

Segundo a publicação da OCB (1973), o cooperativismo teve sucesso no agronegócio e entre os produtores devido aos grandes serviços prestados a estes, destacando-se o barateamento da produção através de insumos com menores preços, e a importante assistência técnica ofertada aos cooperados, assim como o apoio na venda dos seus produtos, o que tem gerado um aumento da remuneração dos produtores cooperados.

De acordo com a publicação do DENACOOOP (2006), o cooperativismo melhora a qualidade de vida da sociedade onde atua, gerando mais emprego, renda e arrecadando tributos.

Desta forma, nota-se que o cooperativismo tem um campo muito favorável para seu desenvolvimento em todo o mundo. O que falta é investimento e conhecimento sobre o tema. A cooperativa pode vir a ser uma forma de organização capaz de auxiliar países emergentes que carecem de estruturação econômica e condições para concorrer no mercado internacional.

Quadro 1 – Potencialidades e desafios do Cooperativismo destacado por autores selecionados.

INDICATIVOS	
POTENCIALIDADES	DESAFIOS
<ul style="list-style-type: none"> – Pode desenvolver a economia e a sociedade ao mesmo tempo, respeitando o meio ambiente; – Contribui para geração de empregos e melhor distribuição de rendas; – Aumenta o IDH da comunidade onde está inserido; – Grande sucesso no agronegócio, pois barateia a produção através insumos com preços melhores e auxilia a venda dos produtos dando assistência técnica; – Influência Econômica; – Redução de custos de produção e melhores condições para o cooperado; – Agrega valores às pessoas. 	<ul style="list-style-type: none"> – Estudo sobre o assunto é restrito à instituições acadêmicas e pessoas do setor; – Falta de conhecimento; – Dificuldade de demonstrar a importância do cooperativismo para a sociedade; – Falta de Investimentos; – Compromisso com a sustentabilidade e responsabilidade social; – Grande concorrência no mercado.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Cenzi (2009), OCB (1973), DENACOOOP (2006), Irion (1997), Neves (2005), Oit (2001) e Carvalho (2011).

De acordo com o apresentado nessa seção, aferimos que o contexto brasileiro atual é favorável ao crescimento do cooperativismo, sobretudo por seu impacto positivo em situação de forte concorrência mercadológica. No entanto, o cooperativismo carece de maior visibilidade, compreensão e investimentos. Por isso, acreditamos que trabalhos como esse são urgentes, sobretudo estudos de casos que evidenciam as dificuldades e potencialidades das cooperativas brasileiras, tais como realizamos na próxima seção.

5. A PERCEPÇÃO DOS COOPERADOS EM RELAÇÃO AOS NEGÓCIOS: Um estudo de caso

Nesta seção realizamos um estudo de caso, buscando compreender a percepção que os produtores rurais têm em relação ao cooperativismo sobre seu negócio. O estudo de caso é realizado em uma cooperativa capixaba pouco estudada, embora tenha um grande papel econômico e social no estado. Trata-se da Cooperativa Agropecuária Centro Serrana (COOPEAVI).

5.1 A Cooperativa

De acordo com materiais informativos da própria cooperativa, a COOPEAVI sua fundação se deu em 1964, sendo uma cooperativa no segmento de agronegócio. Atualmente está presente no Espírito Santo, Minas Gerais e na Bahia. Sua sede situa-se no município de Santa Maria de Jetibá, ES.

A COOPEAVI conta atualmente com aproximadamente nove (09) mil cooperados. Dentre esses, sua maioria são de pequenos e médios produtores. A cooperativa atua em quatro (04) áreas do agronegócio: avicultura; nutrição animal; café e; produtos agropecuários.

De acordo com o relatório de exercício de atividade de 2014 da cooperativa, esta obteve um faturamento de mais de R\$ 333 Milhões, subindo 41 posições no “10º Anuário do Agronegócio” mantido pela Revista Globo Rural, alcançando a posição 294º.

Em relação ao ano anterior, em 2014 a cooperativa teve um aumento de 1546 cooperados, ganhando 06 posições no *ranking* das 400 maiores empresas do agronegócio do Brasil.

A cooperativa vem constantemente melhorando suas estruturas para melhor atender os cooperados. Em outubro de 2014 realizou um investimento de R\$ 10 milhões em uma fábrica de rações em Baixo Guandu-ES. Com isso, a capacidade de produção aumentou consideravelmente e, assim, podendo atender toda a demanda dos produtores.

No início de 2015, a COOPEAVI adquiriu, através de leilão, um terreno com 227 mil metros quadrados que pertencia a FIESA (Fiação Espírito Santo S/A), em Ibirapu-ES. O intuito desse investimento busca atender uma necessidade de crescimento atual e futuro, tendo agora a capacidade de armazenar 500 mil sacas de café, atendendo a toda a demanda dos cafeicultores, que é atualmente de aproximadamente 400 mil sacas. A COOPEAVI constantemente vem se aprimorando e desenvolvendo todos seus funcionários e seus associados através de cursos, palestras e treinamentos, para que possam enfrentar todas as dificuldades do mercado.

5.2 Metodologia, apresentação e análises das entrevistas com cooperados

Esta subseção, tem por objetivo compreender a percepção que os produtores rurais têm em relação ao cooperativismo sobre seu negócio, o que buscamos por meio de análise de entrevistas feitas à membros da cooperativa sob as contribuições teóricas mobilizadas neste trabalho.

Trata-se de um estudo de caso de cunho exploratório, tendo como instrumento de coleta de informações entrevistas semiestruturadas com diretores, presidente e alguns cooperados (sendo grandes e pequenos produtores rurais). Nas entrevistas buscamos coletar informações relacionadas diretamente aos apontamentos teóricos levantados na seção anterior. A tabela 1 apresenta o perfil dos entrevistados.

Tabela 1 - Perfil dos Entrevistados.

Entrevistado	Sexo	Idade	Escolaridade	Rel. com Cooperativa	a Tempo Cooperado	de
E1	M	73	2º Grau	Dir. Comercial/ Coop.	Sócio Fund.	51 anos
E2	M	75	Superior	Presidente/Cooperado	Sócio Fund.	51 anos
E3	M	45	2º Grau	Cooperado		8 anos
E4	M	39	1º Grau	Cooperado		4 anos
E5	M	57	1º Grau	Cooperado		12 anos

Fonte: Elaborado pelo autor, com base nas entrevistas feitas.

De acordo com a OCB (1973), o grande sucesso do cooperativismo no agronegócio se deu pelo fato dos serviços e benefícios gerados aos produtores, tais como a vendas de insumos mais baratos a estes, uma importante assistência técnica e a venda da produção dos cooperados. De acordo com o entrevistado 1, a cooperativa de fato auxilia em muito os produtores em seus negócios. Como os pequenos produtores têm certa dificuldade de comercializar seus produtos, seja por não conseguir se adequar ao preço do mercado ou por não conseguir atender a uma demanda estabelecida por um comprador, a cooperativa, por fazer uma compra de insumos em grande proporção, consegue preços melhores para seus cooperados, barateando a produção.

De acordo com o entrevistado 2 o custo com a logística do escoamento da sua produção é muito alto em relação a quantidade produzida. Como a cooperativa compra toda sua produção e depois revende, seu escoamento fica por conta da mesma, garantindo ao cooperado a venda de sua produção sem assumir o custo com o deslocamento da produção.

Os entrevistados 3 e 4, que são pequenos cafeicultores, e o entrevistado 5 que é um pequeno avicultor de postura, demonstram concordar que a cooperativa garante para seus negócios a capacidade de competir no mercado, através da redução dos custos de produção e auxílio no escoamento de sua produção.

Segundo Irion (1997), a falta de conhecimento a respeito da base doutrinária do cooperativismo e também de seus benefícios, geram um certo receio da população em aderir-se à cooperativa. Segundo o entrevistado 5, seu negócio é familiar, sendo que, era antes este administrado pelo seu pai. Há algum tempo antes de ser cooperado, afirmou ele que tiveram uma primeira oportunidade de se integrar na cooperativa. Na época seu pai era quem administrava os negócios, ocorrendo que ele não optou pela escolha de se tornar cooperado por não entender os benefícios que a cooperativa poderia trazer à sua produção, isso por falta de conhecimento do que se tratava. Esse relato evidencia a desconfiança, geralmente causada pelo desconhecimento destacado por Irion (1997).

No entanto, o entrevistado 1 afirma que isso não ocorre entre os cooperados e interessados em fazer parte da cooperativa, pois estes são bem instruídos quando procuram a cooperativa, sendo inteirados de todos os benefícios e a capacidade que a cooperativa tem de auxiliá-lo, ficando à cargo da pessoa optar por se integrar a cooperativa. Já o entrevistado 2 afirma que há um certo receio por parte de alguns cooperados ao procurarem a cooperativa. Por serem pequenos produtores, pessoas com baixa escolaridade e bastante conservadores, sentem-se um pouco desconfiados em compartilhar do seu negócio e do seu tempo com a cooperativa. Mas, esse quadro aos poucos vem se transformando, isso devido ao fato de alguns filhos desses pequenos produtores terem acesso a educação técnica fornecida pelo Estado em instituição educacional existente no município. Com acesso à informação, eles conseguem compreender o importante papel da cooperativa para seu negócio e para a cidade onde habita (Entrevistado 2). Nota-se que em relação à falta de conhecimento/informação, não houve um consenso entre os entrevistados. Além dessas duas opiniões diversas, há um relato que evidencia o que Irion (1997) apontou.

De acordo com Dantas (2009), a cooperativa é uma organização gerida democraticamente, buscando satisfazer as necessidades socioeconômicas de seus cooperados. Segundo o entrevistado 4, com a sua integração à cooperativa percebeu um significativo aumento em sua lucratividade e com isso uma grande progressão em seus negócios. Este mesmo entrevistado destacou que com as capacitações oferecidas pela cooperativa, através de palestras e debates, sentiu-se mais preparado para gerir seus negócios. Nessa mesma direção, o entrevistado 5, informou que notou que ao unir-se a cooperativa conseguiu sanar um grande problema que tinha, que era o escoamento de sua produção; problema esse que gerava um alto custo e, em algumas situações, inviabilizava as vendas. De acordo com ele, por meio da cooperativa conseguiu aumentar seu ganho e atender suas necessidades, podendo assim dar continuidade a seus negócios.

Segundo a publicação do DENACOOOP (2006), o cooperativismo tem a possibilidade de desenvolver a economia e o ser humano ao mesmo tempo. De acordo com o entrevistado 3 é notório o grande avanço da cooperativa em toda sua trajetória. Também percebeu que a cooperativa cresceu nos últimos anos e também contribuiu para o crescimento da economia local através das capacitações e trabalho conjunto entre os cooperados, ajudando-os alavancar seus negócios, agregando valor aos cooperados por desenvolver suas capacidades e com isso gerando mais renda para a cidade. Em concordância, o entrevistado 2, por estar na cooperativa desde sua fundação, cita que a cidade onde a cooperativa está situada cresceu simultaneamente com a cooperativa, pois a atividade econômica da cidade é hoje predominantemente rural.

Em concordância aos entrevistados, vemos que, como também aferiu a DENACOOOP (2006), o cooperativismo melhora a qualidade de vida dos cooperados, gera mais renda para a cidade e também mais empregos.

Como o cooperativismo tem por finalidade agregar valor às pessoas e a sociedade, deve estabelecer metas estratégicas incorporando às questões ligadas ao desenvolvimento social, à sociedade e sustentabilidade ambiental. Em relação a isso, o entrevistado 4 afirmou que a cooperativa desenvolve um trabalho de conscientização ambiental junto aos cooperados, estando presente em suas propriedades e orientando algumas práticas para o melhor aproveitamento do ambiente, reduzindo os impactos sobre esse. Destacou o entrevistado 2 que a cooperativa tem à disposição dos cooperados, técnicos e profissionais capacitados para atender-lhes nas suas dificuldades com a produção. Cita também que a cooperativa desenvolve uma ação chamada “COOPEAVI perto de você”, onde esta dirige-se até as comunidades para tratar do tema sustentabilidade ambiental, assim como apresentar os benefícios da cooperativa.

Segundo Caieiro (2008), existe uma falta de interesse do governo em realizar algumas ações em prol do cooperativismo. De acordo com o entrevistado 2, o Governo além de não ter interesse em desenvolver o cooperativismo, acaba por atrapalhar. Pois as leis relacionadas ao cooperativismo são obsoletas e não são claras. Cita também que a cooperativa compra seus insumos para a produção de rações no centro-oeste brasileiro, e esses insumos são taxados de ICMS (embora a ração produzida pela cooperativa no momento da comercialização é isenta de ICMS), gerando uma perda para a cooperativa, que chega hoje a aproximadamente R\$ 10 milhões. Em concordância, os entrevistados 4 e 5 desconhecem qualquer ação do Governo de incentivo a cooperativa, percebendo que a cooperativa é sustentada pelos próprios cooperados, que em sua grande maioria são pequenos produtores.

Neves (2005), afirma que com o ganho de autoridade e consistência no mercado por algumas cooperativas, essas passam a atuar como agentes financeiros, financiando alguns projetos de seus cooperados. Em relação a isso, o entrevistado 2 afirma que a cooperativa acumula recursos próprios e faz uma grande compra de fertilizantes e financia a compra para seus cooperados, com a possibilidade de pagar em até um (01) ano depois da compra. Ou seja, gera uma facilidade e uma oportunidade muito grande para o cooperado. De acordo com os entrevistados 3 e 4, que são cafeicultores, isso de fato ocorre e ajuda muito nas suas respectivas produções, pois conseguem investir sem precisar de uma quantia grande de capital inicial. Também de acordo com o Entrevistado 3, a cooperativa dá a opção para o cooperado vender sua produção antecipadamente; assim o cooperado têm disponível o capital referente à venda da produção no momento em que ele necessita.

Segundo o entrevistado 1, o cooperativismo foi de suma importância para seu desenvolvimento como produtor e como profissional. Foi através das experiências adquiridas que conseguiu se sustentar no mercado. Os entrevistados concordam que sem a presença da cooperativa o agronegócio da cidade seria muito fraco ou poderia nem existir. Todos afirmaram que, sem o auxílio e o trabalho da cooperativa, sem os benefícios gerados por ela, a probabilidade de seus negócios não darem certo seriam grande. A avicultura, por exemplo, era uma produção totalmente desconhecida na cidade até que um rapaz trouxe a novidade para a cidade e começou a produção de frangos. Com mais produtores surgindo, formaram a cooperativa para conseguirem comprar insumos para suas produções em grandes proporções. Sem o surgimento da cooperativa, nenhuma produção estaria hoje em funcionamento, pois os custos dos insumos eram altos, pois vinham de outros estados da federação.

Quadro 2 - Comparação entre Empíria e Teoria.

ITEM ANALISADO	TEORIA	EMPIRIA
1. Sucesso do cooperativismo no Agronegócio devido aos benefícios gerados aos produtores;	1. O grande sucesso do cooperativismo no agronegócio se deu pelo fato dos serviços e benefícios gerados aos produtores;	1. A cooperativa reduz o custo de produção devido aos produtos fornecidos com melhores preços e auxilia no escoamento da produção;
2. Falta de conhecimento sobre o cooperativismo e seus benefícios;	2. A falta de conhecimento a respeito da base doutrinária do cooperativismo e também de seus benefícios, geram um certo receio da população em aderir-se à cooperativa;	2. Não houve consenso entre os entrevistados. A percepção de um foi de que não há problemas com falta de informações, mas os demais entrevistados concordaram que existem um certo receio por parte de algumas pessoas à aderir-se à cooperativa;
3. Objetivo e a prática da cooperativa;	3. A cooperativa é uma organização gerida democraticamente, que busca satisfazer as necessidades socioeconômicas e culturais de seus cooperados;	3. Os entrevistados percebem uma grande eficácia da cooperativa, lucratividade e o valor que ela agrega para seus negócios;
4. Possibilidades do cooperativismo;	4. O cooperativismo tem a possibilidade de desenvolver a economia e o ser humano ao mesmo tempo;	4. Através das entrevistas, percebemos que a cooperativa possibilitou aos cooperados e à cidade onde está situada, um grande desenvolvimento;
5. Preocupação da cooperativa com o ambiente onde está inserida;	5. Como o cooperativismo tem por uma de suas finalidades agregar valor às pessoas e a sociedade, deve estabelecer metas estratégicas incorporando às questões ligadas desenvolvimento social, à sociedade e sustentabilidade ambiental;	5. A cooperativa tem à disposição dos cooperados, profissionais capacitados para desenvolver um trabalho de conscientização ambiental com os mesmos;
6. Auxílio do Governo ao cooperativismo;	6. Existe uma falta de interesse do governo em realizar algumas ações em prol do cooperativismo;	6. Não é percebido pelos entrevistados, alguma ação ou parceria do governo com a cooperativa. Na visão deles a cooperativa se sustenta através dos cooperados;
7. Financiamentos da cooperativa;	7. Com o ganho de autoridade e consistência no mercado por algumas cooperativas, elas passam a atuar como agentes financeiros, financiando alguns projetos de seus cooperados;	7. É percebido pelos entrevistados, uma ação da cooperativa em financiar parte de insumos para a produção deles, com a possibilidade de crédito de 1 ano;
8. Potencial do Cooperativismo.	8. O cooperativismo pode ser a resposta para muitos países que necessitam do agronegócio.	8. A percepção que os cooperados tem do cooperativismo, é que ele foi de suma importância para seus desenvolvimentos e o desenvolvimento de seus negócios. Sendo que, sem a presença dela, provavelmente não estariam mais no mercado.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas entrevistas feitas e nos autores estudados (CENZLI, 2009; NEVES, 2005; CAIEIRO, 2008; CARVALHO, 2011; DENACOO, 2006; DANTAS, 2009; IRION, 1997; OCB, 1973).

No quadro 2, para ser didático, apresentamos uma síntese dos resultados encontrados nessa pesquisa, estando em forma de um comparativo entre os apontamentos teóricos e a empíria do presente estudo já discutidos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi exposto, podemos aferir que o cooperativismo apresenta diversas vantagens, ainda que existam desafios a serem enfrentados.

Com relação ao princípio da cooperação, podemos aferir que este impactou substancialmente sobre a formação e desenvolvimento da cultura e doutrina cooperativista, sendo o norteador das diversas práticas que se espalharam pelo mundo. Esse princípio é facilmente identificado ao olharmos a experiência em estudo.

Com relação aos benefícios financeiros, a cooperativa, de acordo com a percepção dos cooperados, auxilia muito seus negócios, propiciando, por exemplo, a compra de insumos em grandes volumes e repassando para os cooperados por um melhor preço, reduzindo do custo de produção. Toda a produção do cooperado também é comprada pela cooperativa, reduzindo o custo com a logística, pois a cooperativa recolhe a produção do cooperado em sua propriedade. Com o custo de produção reduzido e com a certeza do escoamento da produção, o cooperado torna-se mais competitivo no mercado. Para os cooperados, essa forma de organização social e econômica se apresentou com uma saída às limitações financeiras de investimentos, de logística e de emprego.

Notamos que a cooperativa é gerida democraticamente, sempre buscando satisfazer as necessidades socioeconômicas dos cooperados, e também agregando valor ao mesmo capacitando-o através de palestras e debates, de modo que o cooperado se qualifique e se prepare para gerir seus negócios. Propiciando conhecimento ao cooperado, a cooperativa desenvolve a economia local ao mesmo passo que também desenvolve o ser humano, assim como a qualidade de vida do cooperado.

Devemos também considerar o trabalho de conscientização ambiental que é realizado pela cooperativa, disponibilizando sempre para os cooperados alguns técnicos e profissionais capacitados para orientá-los da melhor maneira, o que evidencia a preocupação com a sociedade e com o meio ambiente.

A partir das entrevistas realizadas, podemos afirmar que a percepção dos cooperados em relação aos diversos tipos de benefícios gerados pelo cooperativismo é bastante favorável à sua prática. Nota-se que todos destacam a necessidade de trabalhar em conjunto para alcançar seus objetivos e permanecerem no mercado.

Podemos aferir, também, que o cooperativismo carece de mais atenção e investimento do Governo, tanto na esfera municipal, estadual como na federal. Por meio do estudo de caso notamos que faltam, no Brasil, e em particular no Espírito Santo, maiores incentivos à formação e consolidação de cooperativas agropecuárias.

Quanto ao desenvolvimento local destacado por alguns autores, identificamos que os cooperados percebem uma forte relação entre o desenvolvimento da cooperativa e o desenvolvimento da cidade.

Por meio da revisão de literatura observado que o desconhecimento tem sido apontado como um entrave no desenvolvimento do cooperativismo no mundo e no Brasil. No caso em particular da cooperativa aqui estudada, observamos que embora ainda haja, por parte de alguns cooperados, certo receio à maneira como o cooperativismo realmente funciona, no geral, é percebida sua eficácia na capacidade de auxiliar a produção do cooperado e a cooperativa vem buscando torna-se conhecida por meio de um programa de aproximação com a comunidade.

Certamente essa análise não esgota o tema, o que não era a pretensão, mas colabora para evidenciar a importância dessa modalidade de atuação no mercado. Resta ampliar as discussões aqui iniciadas, a fim de identificar também de forma quantitativa os benefícios de práticas cooperativas.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLA, Maurício. **O princípio da cooperação: em busca de uma nova racionalidade.** São Paulo: Paulus, 2002.

ACI – **Aliança Cooperativa Internacional.** Quantidade de Membros. 2014. Disponível em: <<http://ica.coop/en/get-involved/blog/anonymous/2012/04/ica-welcomes-268th-member>>. Acesso em: 25 Out. 2014.

BOURDIEU, Pierre. Le Capital Social. Notes Provisoires. *In: Actes de la Recherche. Sciences Sociales*, 31, n. 31, p. 2-3. 1980. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1980_num_31_1_2069> Acesso em: 10 ago. 2015.

CAEIRO, Joaquim Manuel Croca. **Economia Social: conceitos, fundamentos e tipologias.** Rev. Katál. Florianópolis v. 11 n. 1 p. 61-72 jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=179613968006>>. Acesso em: 14 Abr. 2015.

CANÇADO, MILAGRES E JESUS: **PRINCÍPIOS COOPERATIVISTAS: ANALISANDO SUA APLICAÇÃO NA COOPERATIVA DE CRÉDITO SICREDI – ARAGUAIA TOCANTINS DE PALMAS/TO.** 2011. Disponível em: <http://www.brasilcooperativo.coop.br/downloads/Gecom/ebpc/II_EBPC_Jesus.pdf > Acesso em: 25 Mai. 2015

CARVALHO, Adriano Dias de - **O cooperativismo sob a ótica da gestão estratégica global.** São Paulo: Baraúna, 2011.

CENZI, Nerii Luiz. **Cooperativismo: desde as origens ao projeto de lei de reforma do sistema cooperativo brasileiro.** / Nerii Luiz Zenzi. / 1ª ed. (ano 2009), 2ª reimpr. / Curitiba: Juruá, 2012. 172p.

Cooperativa Agropecuária Centro Serrana (COOPEAVI). 2014. Disponível em: <<http://www.coopeavi.coop.br/?institucional>>. Acesso em: 02 nov. 2014.

CULTI, Maria Nezilda. **O cooperativismo popular no Brasil: importância e representatividade.** 2002. Disponível em: <http://www.institutoapoar.org.br/imagens/bibliotecas/texto_1_COOPPOP.DOC>. Acessado em: 15 nov. 2014.

DANTAS, M. Z.; LOPES, P. da S. M. **Mudanças Sociais e Econômicas Ocorridas no Padrão de Vida dos Catadores de Cooperativa de Materiais Recicláveis: Um Estudo de Caso na Cooperativa de Catadores Recicla Conquista em Vitória Da Conquista - Bahia.** 2009. Disponível em: <<http://www.fearp.usp.br/cooperativismo/24.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

DENACOOOP em ação / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. – **Evolução do cooperativismo no Brasil.** Brasília, 2006. 124 p. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ac000001.pdf>>. Acesso em: 27 Out. 2014.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social,** Trad. de Carlos Brandão, 2 ed.: São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Allage, Fabiane; y Ratzke]. – 4. ed. rev. e atual. – Brasília: Sescop, 2010. 112p.: il. color. Disponível em: <<http://www.ocb.org.br/GERENCIADOR/ba/arquivos/livrocoopprimeirasliceos2010finalfinal.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2014.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. **Terceiro Setor, Economia Social, Economia Solidária, Economia Popular: traçando fronteiras conceituais.** Bahia Análises & Dados, Salvador, SEI v.12 n.1

p. 9-19 junho 2002. Disponível em: <<https://cirandas.net/cfes-regiao-sudeste/economia-solidaria-conceito/economiasolidria-fronteirasconceituais.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

FRANTZ, Walter. **Associativismo, Cooperativismo e Economia Solidária**. Rio grande do Sul: 2012. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/963/Associativismo,%20cooperativismo%20e%20economia%20solid%C3%A1ria.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

GAWLAK, Albino. **Cooperativismo: primeiras lições** / [Albino Gawlak,

GONÇALVES, Ricardo Carvalho. **A Evolução do Cooperativismo Agropecuário no Brasil**. Porto Alegre: 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/69983/000875725.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 17 out. 2014.

HOLYOAKE, George Jacob. **Os 28 Tecelões de Rochdale (História dos Probos Pioneiros de Rochdale)**. Tradução de Archimedes Taborda. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1933. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/me003029.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2014.

IRION, João Eduardo de Oliveira. **Cooperativismo e Economia Social**. São Paulo: STS, 1997. 343p.

NEVES, Marcos Fava – **Agronegócio do Brasil** / Marcos Fava Neves, Décio Zylbersztajn e Evaristo Marzabal Neves; prefácio de Roberto Rodrigues. São Paulo: Saraiva, 2005.

OCB. Organização das Cooperativas Brasileiras. **Cooperativismo: evolução no Brasil**. 2014. Disponível em: <http://www.ocb.org.br/site/cooperativismo/evolucao_no_brasil.asp>. Acesso em: 27 Out. 2014.

_____. **O que é, o que faz e o que pode fazer o cooperativismo no Brasil**. Brasília, 1973. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003058.pdf>>. Acesso em: 29 Out. 2014.

OIT. Organização Internacional do Trabalho. **Cooperativas: mudanças, oportunidades e desafios** / editado Armand Pereira; em colaboração com Lucienne Freire e Lizzie Lagana - 1 ed. - Brasília : OIT, 2001. 196 p. Disponível em: <http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---ilo-brasilia/documents/publication/wcms_224480.pdf>. Acessado em: 04 mai. 2015.

PET-PROEXT. **Associativismo e Cooperativismo**. Professora/conteudista: Inácia Girlene Amaral. 2012. Disponível em: <<http://www2.ufersa.edu.br/portal/view/uploads/setores/241/Cartilha%20de%20Associativismo%20e%20Cooperativismo.PET-PROEX.pdf>>. Acesso em: 11 Abr. 2015.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna**. Trad. Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro. Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.